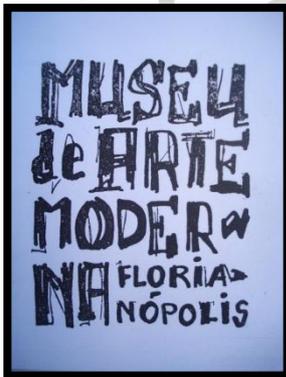




## ENTREVISTA COM JOÃO EVANGELISTA DE ANDRADE FILHO

Lucésia Pereira<sup>1</sup>

Artista, crítico, professor de arte e diretor de museu, João Evangelista de Andrade Filho foi uma personagem ativa no cenário da produção cultural não apenas em Santa Catarina, mas em cidades como Porto Alegre e Brasília. Em Florianópolis, administrou o atual Museu de Arte de Santa Catarina - MASC em duas oportunidades (de 1958 a 1963 e 1999 a 2002). Foi em sua primeira gestão (quando o Museu ainda se chamava Museu de Arte Moderna de Florianópolis - MAMF) que João Evangelista obteve uma significativa doação de gravuras, enviadas pelos gabinetes



**Figura 1:** Capa do catálogo da exposição organizada em 1961, comemorativa à chegada das coleções "Lopes Mateos" e "Arturo Frondizi", ambas totalizando 135 obras. Acervo MASC.

presidenciais da Argentina e do México. Pouco conhecidas do público que frequentou o MASC nestes cinquenta anos decorridos de sua chegada, as coleções "Lopes Mateos" e "Frondizi" foram expostas em raras oportunidades. Nesta entrevista, concedida em 28 de abril de 2010 nas dependências do Museu, ele falou sobre esta doação e revelou outros

detalhes instigantes sobre a história inicial do acervo do MASC. Detalhes que extrapolam as (quase tradicionais) narrativas, em geral, centradas na coleção "Marques Rebelo". A partir destas lembranças, foi possível percorrer o labirinto da reserva técnica do MASC, visibilizando obras e com isto confirmando que apesar do empenho de muitos estudiosos, ainda sabemos pouco sobre os trânsitos e convivências da modernidade artística da América Latina.

### L- Como era a cidade de Florianópolis no final dos anos cinquenta?

**JEAF** - Quando eu cheguei em 1958 não se conhecia nada. Neste tempo, digamos que Florianópolis estava começando a sair do "açorianismo", ou seja, sair de um processo cultural para "entrar na modernidade". Hoje eu tenho como impressão pessoal que o

<sup>1</sup> Entrevista realizada por Lucésia Pereira, referente ao projeto de doutoramento: **O Acervo do Museu de Arte de Santa Catarina: entre aparição e nostalgia**, desenvolvida no Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina, com recursos do CNPq.



# VEREDAS DA HISTÓRIA

2º Semestre de 2011

Ano IV - Ed. 2 - 2011

www.veredasdahistoria.com

ISSN 1982-4238

“açorianismo” só resiste no boi-de-mamão, na festa do divino e como ideologia de alguns grupos. Mas não há mais nada, isto aqui é outra coisa. É uma cidade cosmopolita. O momento em que o afluxo de elementos exógenos (inclusive culturais) aconteceu, foi quando a Universidade foi fundada em 1960. Com ela vieram muitos gaúchos. Mas, aqui havia também pessoas ilustríssimas como o Henrique Fontes que era uma pessoa fora de série, absolutamente fora do tempo dele. Apesar de ser ligado ao século XIX pela mentalidade ética, ele olhava para o futuro.

## **L: O que havia para fazer em Florianópolis nesta época?**

**JEAF** - Eu estudava para dar aulas e trabalhava no museu, não havia mais nada. Se levava dois dias para ir daqui a Porto Alegre, porque tinha que parar e dormir em Tubarão, quero dizer que era isolado, uma ilha no sentido próprio do termo.



**Figura 2:** Vista Panorâmica de Florianópolis, 1960. Foto disponível em: <http://www.velhobruxo.tns.ufsc.br/Albuma04.htm>. Acesso em 10/06/2010.

## **L: Neste momento já se falava da beleza natural de Florianópolis?**

**JEAF** - O bisavô do meu bisavô foi a única pessoa a nascer na Fortaleza de Anhatomirim em 1774. Ele passou 17 anos aqui como militar e depois foi pra São Paulo. Eu tinha essa coisa atada com Florianópolis. Eu aportei aqui pela primeira vez em 1941 com 11 anos, não em 1957. Neste tempo isto aqui era paradisíaco. Não tinha nada, era o Carl Hoepcke e mais nada. Eu tinha onze anos da primeira vez que vim para cá e o verde me cegou. Porque o verde lá do norte do Brasil não tem essa cor. O bucolismo da cidade me interessou mais na segunda vez, quando voltei já formado de Porto Alegre; na segunda vez eu fiquei encantado com o bucolismo, pensei: “esta terra não precisa de mais nada!”.

## **L: Quem eram os seus interlocutores na cidade?**

**JEAF** - Eu só me ligava eventualmente aos membros do Grupo Sul. Quem era professor não tinha muito tempo, eu estudava muito. Professor novo tinha que mostrar serviço. Além disso, eu tinha que cuidar do Museu.



**Figura 3:** Mira Schendel, Paisagem, 1950.  
Oléo s/madeira 40x50.  
Doação João Evangelista de Andrade Filho.  
Acervo MASC.

**L: Circulava literatura sobre arte latinoamericana na região?**

**JEAF -** Não. É triste dizer, mas é a realidade. Tinha pouca coisa, não circulavam livros de arte. Até em Porto Alegre, que é uma cidade próxima de Buenos Aires, o que tinha nas livrarias era a coleção Skira e

Venturi, que era maravilhosa e cara. Nela conheci os expressionistas. A editora Ateneu de Buenos Aires mandava alguma coisa para Porto Alegre, inclusive uma obra que eu acho muito importante para a formação dos desenhistas que é o livro do Harold Spear “A arte do desenho”. Tinha ele e aquela coleção cara de que eu te falei antes. Mas você sabe, artistas que são verdadeiramente empenhados, que são essencialmente artistas, não se importam com o dinheiro e compravam o livro. Veja, São Paulo já era um lugar muito atrasado com relação a Europa e a província aqui do Sul, tanto Florianópolis quanto o Rio Grande eram muito atrasados com relação a São Paulo. Curitiba eu não sei.

**L: Você acha que os artistas e intelectuais partilhavam de um pensamento artístico latinoamericano?**

**JEAF -** Não. Eu não posso falar por todos, para saber melhor você teria que perguntar para eles, para o Salim Miguel que pode lhe dar o depoimento sobre este ponto. Mas, eu não via a preocupação com a latinidade nem aqui nem em Porto Alegre, somente entre escritores e sociólogos, não por parte dos pintores. Eu próprio adorava o Pedro Figari e o Rufino Tamayo e tinha contato com estes artistas, mas não foi através das artes plásticas que eu tomei consciência da latinoamericanidade dessa produção. Eu tinha contato com isto através da *intelligentsia*; com o Manoelito de Ornellas que era um sociólogo gaúcho importante, muito meu amigo. O Manoelito foi aluno do Silvio Julio, o maior professor que o Brasil teve de literatura hispano-americana. O Manoelito vivia esta questão toda. Ele veio comigo



**Figura 4:** O escritor Manoelito de Ornellas veio para Florianópolis em 1954, ingressando na Faculdade Catarinense de Filosofia, onde lecionou História da Arte.



# VEREDAS DA HISTÓRIA

2º Semestre de 2011

Ano IV - Ed. 2 - 2011

www.veredasdahistoria.com

ISSN 1982-4238

para Faculdade de Filosofia e foi a partir da causa dos escritores que eu tomei esta consciência da produção latinoamericana. Os artistas, por sua vez, estavam preocupados com o Expressionismo, com a *Blaue Reiter*. Era uma influência mais europeia. Os modelos eram Modigliani e Morandi. Se você observar a iconografia vai ver que o Modigliani está por trás de tudo. Isto acontece até que chega a Mira Schendel e vai dar uma sacudida. Eu até doei para o Museu o trabalho que ela tinha me dado. A Mira era muito polêmica, uma criatura combativa. Ela era também poeta. O seu primeiro poema brasileiro eu publiquei numa revista que se chamava “Reflets”. Era uma revista franco-brasileira. Eu tive que brigar com a Aliança Francesa para colocar o poema dela em italiano porque ela tinha optado por este idioma, apesar de ser uma suíça da parte alemã. Lá, em Porto Alegre, eu tinha muitos contatos e fiz várias coisas inclusive dirigi essa revista de cultura que era a mais importante de lá, depois da Revista Província São Pedro. Tanto que, quando o Jorge de Lima escreveu “A Invenção de Orfeu”, ele mandou excertos para nós antes de publicar o poema.

## **L: Como surgiu a ideia de solicitar gravuras para o então Museu de arte Moderna de Florianópolis?**

**JEAF** - Apesar de ser paulista fui para Porto Alegre e, por isto, a minha formação foi feita lá. Daí vem o meu contato com os artistas gaúchos, quer dizer os modernistas. Foi daí que eu tive a ideia de pedir gravuras; eu conhecia todos os artistas do Clube de Gravura e só não fiquei nele (eu também era artista



plástico!), porque briguei com o Carlos Scliar. Ele queria dirigir com muito mandonismo e que eu fizesse as coisas da forma dele. Mas o Glênio Bianchetti é meu grande amigo até

**Figura 3:** Carlos Scliar, A cidade, 1940. Óleo sobre tela 48x34. Doação do escritor Monoelito de Ornellas. Acervo MASC.

hoje. Ele foi meu colega em Brasília. Em 1958, quando eu assumi o Museu, ele estava em condições difíceis. O Martinho de Haro tinha feito uma direção muito rápida, então, me pediram pra assumir. Eu era professor novo da Faculdade Catarinense de Filosofia, tinha feito mestrado em historia da arte. Foi necessário começar do zero. Primeiro, sanando o que estava feito errado como por exemplo as obras no porão sujeitas a intempéries e uma série de outras coisas desagradáveis que era preciso reparar. Mas, eu



não tinha funcionário; só tinha uma secretária, a Diva Olsen da Veiga e a senhora do cafezinho, que era a dona Onedina. Éramos três pessoas. Depois mandaram um funcionário, mas, ele não fazia nada, eu mesmo ia pregar os cartazes na Praça da Figueira.

Havia muito pouca coisa no Museu. Na verdade, não era ainda um acervo, era muito fraco e pequeno. Eu achei que não podia ficar daquele jeito. Como não havia dinheiro, me ocorreu escrever cartas pedindo diretamente aos presidentes da América Latina que mandassem coleções de gravuras. Fiz um pedido especialmente de gravuras, porque era mais fácil o transporte. Como Florianópolis era uma aldeia naquela época, eu tentei; foi uma espécie de balão de ensaio cujo objetivo era conseguir material para o acervo.



**Figura 4:** Laico Bou, Formas, 1960. Xilogravura sobre papel 56,5 x 21,5. Coleção "Arturo Frondizi". Acervo MASC.

**L: Existem registros da correspondência ou outros documentos referentes ao pedido?**

**JEAF -** Não. Também não temos nenhum registro das cartas, mas eu escrevi pro Lopes Mateos, Fidel Castro e Arturo Frondizi. Este último foi solícito e mandou logo. O presidente do México também. Já com o Fidel Castro, eu não sei o que houve. Naquele tempo havia o problema político da segregação contra Cuba. Eu também não sei se ele recebeu a correspondência, pois, neste caso, eu penso que ele teria mandado. Acho que pode ter havido alguma interceptação, eu não sei.

**L: Você acha que estas coleções pertenciam aos gabinetes diplomáticos?**

**JEAF -** Da Argentina, creio que era um material que eles tinham. Talvez, viesse não de uma secretaria diplomática, mas de uma secretaria de cultura. Eu não sei qual foi a origem das coleções, mas eu sei bem da solícitude das autoridades máximas em atender o pedido.

**L: Junto com as gravuras vieram outros materiais ou documentos?**



# VEREDAS DA HISTÓRIA

2º Semestre de 2011

Ano IV - Ed. 2 - 2011

www.veredasdahistoria.com

ISSN 1982-4238

**JEAF** - Uma carta e uma listagem. O que ficou daquela época foi o livro tombo onde registrei que recebi tais e tais obras, só isto.

**L: O que aconteceu quando as gravuras chegaram?**

**JEAF** - Quando elas chegaram, fizemos duas exposições. Uma com a coleção argentina e outra com a mexicana, porque são coleções heterogêneas. Isto quanto a sua qualidade também, principalmente a Argentina. Mas era uma produção que registrava



aquele momento e a Argentina, tirando três ou quatro expoentes, nunca foi o país das artes plásticas. Já o México era diferente, a gravura mexicana tem peso. Eu penso que as gravuras mexicanas são um caso a parte por causa da importância histórica que extrapola a artística. Era uma gravura de esquerda.

**Figura 5:** Ignacio Aguirre, Trem revolucionário I. s.d. Linoleogravura s/papel, 30,7x42. "Coleção Lopes Mateos". Acervo MASC.

**L: Você conhecia alguns dos artistas mexicanos?**

**JEAF** - Não. Eu conhecia o Vasco Prado, que na época já era um senhor artista, eu sabia da existência do *Taller de Grafica Popular* do México. Eu tinha alguma esperança que viessem obras de lá.



**Figura 6:** Laura Del Carmen Vocos. La mendiga. Xilogravura s/papel, 37x20. "Coleção Arturo Frondizi". Acervo MASC.

**L: Qual foi o interesse dos artistas locais pelas gravuras?**

**JEAF** - O pessoal das artes plásticas daqui, em geral, não mexeu com gravuras até as oficinas dos anos de 1980. Nesta época, os artistas queriam pintar, o Hassis, o Jair Platt e o Meyer Filho desenharam bastante, é claro. Quase todos partiram do desenho, faziam uma pintura que era um desenho colorido.

**L: Como você se sente com relação a esta doação para o acervo do MASC?**

**JEAF** - Eu acho que é uma satisfação o fato de as pessoas se



disporem a ceder este material, compreendendo que há uma cidadezinha, perdida no Cone Sul, que se interessa. Creio que eles pensaram que era uma oportunidade de fazer alguma coisa. Eu ia escrever aos outros presidentes para fazer a coleção latinoamericana. Ia escrever pro Uruguai, por exemplo, que é aqui do lado e tem bons gravadores para a Bolívia; enfim, eu ia pegar toda a América Latina. Este era o projeto. Mas aí me chamaram de Brasília e eu achei que era uma oportunidade. Então, me mudei e não foi possível continuar.

**L: Você acha correto afirmar que estas gravuras tiveram uma vida obscura no MAMF e depois no MASC?**

**JEAF** - Eu diria que ficaram isoladas, que ninguém se lembrou de expor. Elas somente foram expostas quando a questão temática impunha, mas não como acervo. Lembro de duas ocasiões: a exposição da temática da “morte na cultura brasileira” e a exposição da “criança na arte”. Da minha parte, eu acho que eu estava assoberbado com a ideia de fazer as exposições temáticas. Eu queria fazer esta da morte e queria fazer uma sobre o *kitch*, depois eu desisti de fazer a do *kitch*, porque alguém já tinha feito em São Paulo. Eu tinha pensado nela há cinquenta anos atrás, e, trinta anos depois, alguém fez.



**Figura 7:** Pablo O'Higgins, “La vela”, 1958. Litografia s/papel, 51x38,5cm. “Coleção Lopes Mateos”. Acervo MASC.

**L: Além da ideia de ampliar o acervo quais eram os outros objetivos com relação ao MAMF na sua primeira administração?**

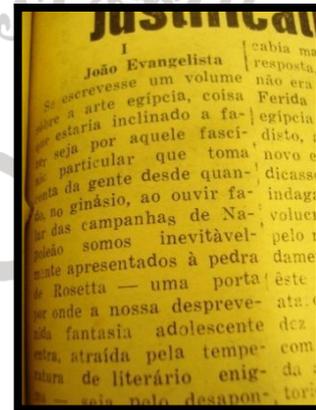
**JEAF** - Eu queria fazer um museu mais universal, que tivesse um papel educativo importante. Esta era a minha ideia. Eu convidei algumas pessoas verdadeiramente extraordinárias para dar cursos, tinha desde arte egípcia até o Renascimento, depois íamos começar com o Impressionismo e Arte Moderna. Eu ainda publiquei alguma coisa nos jornais sobre a arte egípcia, mas os outros professores não publicaram nada. Depois fiz uma exposição que não tinha muita coisa, porque não havia como fazer cópias em Florianópolis na época. Então, foram feitas fotos gigantescas e muito bem feitas. O Museu se abriu deste modo para a história da arte, pois, junto com ela, vai um pouco de cultura geral para a população, mesmo que ela acesse lá por uma ínfima representação, já que os cursos nunca tinham mais de 20 alunos. Eu achava que aquilo



era um começo. E de fato foi porque tivemos alunos da Universidade que se interessaram como o Carlos Humberto Correa que foi muito bom diretor do museu.

## **L: O museu teve alguma publicação regular?**

**JEAF** - Na época, não tinha revistas nem pesquisas. Somente quando eu voltei é que comecei a fazer uma atrás da outra; foram os Cadernos do MASC, mas só saíram dois volumes, agora vem o terceiro, depois o quarto. Já estou com o material todo e vou ver com a direção geral se dá para publicar. Mesmo não tendo mais nada a ver, vou brigar para que saia a próxima.



## **L: Como era a relação do MAMF com os artistas locais?**

**JEAF** - Eles acorriam ao museu procurando mais o aval de uma pessoa que tinha feito um curso em Paris e que tinha sido professor da universidade. Fora o Martinho de Haro, todos eles procuravam o museu fazendo dele uma espécie de casa. O museu era o espaço onde o debate estético sobre o modernismo aconteceu. Salim Miguel, Tércio Gama e o Hassis, todos eles foram pro museu. Eu dei muito valor ao Meyer Filho. A Eli Heil também foi descoberta por mim. Havia por parte de todos eles, uma vontade deliberada de ingressar naquilo que era o modernismo dos anos 40. Uma espécie de modernismo brasileiro que era leve e bem comportado, sem grandes arroubos. Eles queriam ser chamados de modernistas. Já na época (no início dos anos 60), isto era muito notório e visível. Como eles tinham esta preocupação, foi sorte ter havido um encontro orientador como a Revista e o Grupo Sul. Aquilo realmente foi um marco importante para esta mudança de mentalidade. Toda aquela turma era autodidata, com exceção do Martinho de Haro que já era um modernista consagrado. Mas não havia um fórum de arte moderna; isto acontecia na prática, suscitada naturalmente. Porque, se não fosse no Museu, onde é que eles iam discutir? Não tinha outro lugar; quando a Revista Sul sumiu e o Grupo Sul já não tinha uma atuação; a luta deles tinha passado, a coisa estava mais pulverizada nos valores individuais.

**Figura 8:** Fragmento do texto de João Evangelista sobre arte egípcia, publicado no Jornal O Estado, em 25/02/1961. Acervo Biblioteca Pública do Estado.



# VEREDAS DA HISTÓRIA

2º Semestre de 2011

Ano IV - Ed. 2 - 2011

www.veredasdahistoria.com

ISSN 1982-4238

**L: Você concorda com a afirmação de que o MAMF e depois o MASC, ficou por muito tempo pautado no moderno, se fechando pra outras propostas estéticas?**

**JEAF** - Era um problema das origens. O primeiro acervo foi trazido pelo Marques Rebelo. Ele trouxe porque divulgava estes artistas. Apesar de achar que sim, eu não posso dar uma resposta taxativa porque não acompanhei todo o processo. Eu saí daqui, no início de 1963, para fundar a cadeira de História da Arte da Universidade de Brasília, fui trabalhar com Assis Rocha Miranda e com Oscar Niemeyer.

**L: Em Brasília você se distanciou do museu?**

**JEAF** - Totalmente, mas levei artistas daqui pra lá como o Vecchiatti. Fizemos também uma retrospectiva gigantesca da Eli Heil. Mas é assim quando a gente vira a página. Eu tinha que contribuir com Brasília, com os alunos novos, era uma coisa nova.

**L: Você sentiu diferenças entre o trabalho em Brasília e o trabalho aqui no MAMF?**

**JEAF** - Lá era terrivelmente resistente, quase hostil. Esta exposição da Eli Heil realizada lá, eu consegui pedindo diretamente ao Ministério da Cultura para o meu amigo Fabio Magalhães, que era importante por lá. Ele me deu uma boa nota. Então, a fundação requisitou o dinheiro, razão pela qual eu me demiti. Tiraram a verba e a exposição ficou sem catálogo. Mas, de Brasília, eu trouxe a experiência de fazer exposições temáticas importantes. Eu trouxe, ainda, a arte popular, pois achava que Florianópolis desprezava a arte popular, que não havia aqui.

**L: Como foi a sua segunda gestão no Museu?**

**JEAF** - O meu projeto na segunda gestão era dar visibilidade ao museu, entrosá-lo com o circuito nacional, também trazer exposições importantes pra cá, tanto que veio a Primeira Missa, a coleção Gilberto Chateaubriand... Mas então da parte das gravuras argentinas eu não via um motivo qualitativo para expor o conjunto, e não teve oportunidade porque foi uma verdadeira loucura, a gente fazia uma exposição por mês. Eu me batia por isto e pelas publicações porque é o que fica.



**Figura 9:** Célia Calderon, Mujer de Mitla. S.d.linoleogravura s/papel, 54x39. "Coleção Lopes, Mateos". Acervo MASC.



# VEREDAS DA HISTÓRIA

2º Semestre de 2011

Ano IV - Ed. 2 - 2011

www.veredasdahistoria.com

ISSN 1982-4238

**L: Na segunda vez que você veio para Florianópolis, quais foram as maiores diferenças notadas?**

**JEAF** - Ah, era um outro mundo, tinha gente que foi fazer o doutorado fora e artistas que afluíram como o Fernando Lindote. Achei muito importante a criação da Udesc, do setor de artes. Já faz anos que eu estou aqui e a cidade não deixa nada a dever ao eixo Rio/São Paulo. Lá, pode ter mais propaganda e uma melhor divulgação, mas, realmente, como qualidade eu acho que os catarinenses fizeram muito bonito nos Salões que a gente realizou. Apesar do que o Salão é uma coisa discutível, mas é preferível ser discutível e ser feita do que não ser feita.



**Figura 10:** João Evangelista de Andrade Filho. Nu, 1949. Nanquim sobre papel, 36,1x36. Acervo MASC.

**L: Aconteceram muitos salões em Florianópolis?**

**JEAF** - Eu organizei quatro. Eu pretendia levar a coisa para o resto de Santa Catarina. Então, fizemos exposições itinerantes. As coisas aconteciam também em Joinville, Chapecó e Lages. Isto era importante para não ficar só aqui, ser estadual.

**L: Os outros meios de circulação cultural em Florianópolis traziam coisas de fora, como cinema, revistas?**

**JEAF** - O cinema local era uma coisa bem levada aqui pelo esforço do Gilberto Gerlach, ele deu uma orientação corretíssima nesta parte.

**L: Os seus trabalhos artísticos estão relacionados de algum modo a cidade de Florianópolis?**

**JEAF** - Não, eu expus em Porto Alegre com onze anos, foi logo assim que eu cheguei de São Paulo. Tem aquele primeiro desenho que eu acho muito



bom, eu gosto muito dele. É um desenho modernista de 1949, feito a pincel. Ele tava com o nome de outra pessoa, até que eu descobri e disse: este desenho é

**Figura 11:** João Evangelista de Andrade Filho. Sem título, 1983. Nanquim e aquarela s/papel, 33X44. Acervo MASC.

meu tá com o J, A o F, João Evangelista de Andrade Filho. Tem também a série do



# VEREDAS DA HISTÓRIA

2º Semestre de 2011

Ano IV - Ed. 2 - 2011

[www.veredasdahistoria.com](http://www.veredasdahistoria.com)

ISSN 1982-4238

Delfim Neto que eu não gosto. Eu tinha verdadeiro ódio dele e da ditadura. Fui perseguido lá em Brasília, então, eu fiz uma série terrível, cáustica contra o Delfim. Foi quando eu resolvi deixar tudo porque era o caos. Eu não produzi muito só de dez em dez anos, como aconteceu com a poesia a que eu me dediquei a partir do ano 2000, quando lancei meu primeiro livro.

**L: Você acha que a cidade é grata ao trabalho que se faz pela cultura aqui?**

**JEAF** - Só posso falar pelo meu caso, acho que sim. Eu não espero nada, meu pai dizia todos os dias, meu filho não conte com ninguém. Então, é uma surpresa, uma gratificação muito forte quando gente recebe gratidão das pessoas pelos olhares e pelos sorrisos. Além disso, eu sei que é uma bobagem, mas o conselho estadual me deu uma medalha Cruz e Sousa. Não é uma bobagem não, porque é um reconhecimento do Estado. Então, eu acho que da minha parte houve reconhecimento. Agora, sei que há valores e valores, uns são cultuados demais, outros são desvalorizados.

[www.veredasdahistoria.com](http://www.veredasdahistoria.com)